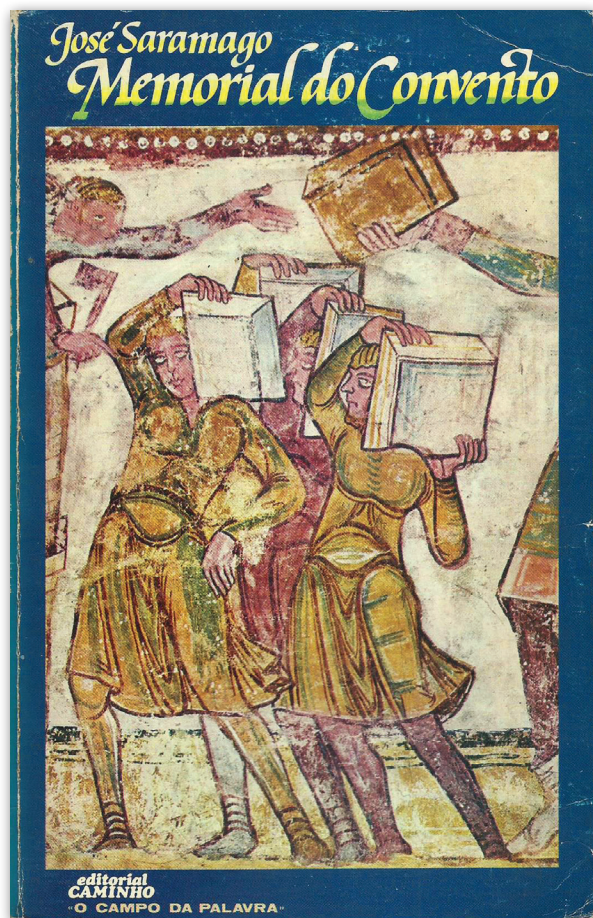


## PELO TRANCÃO ADENTRO

Tijolos, pedras e outros materiais, destinados à construção do Convento de Mafra, fizeram o seu caminho por terras de Loures e Mafra através de um enorme esforço de milhares e milhares de trabalhadores. Estes materiais, que chegavam do Norte e do Sul do País e do estrangeiro, eram transportados pelo Tejo até à foz do Trancão, em Sacavém, subindo o curso deste até chegar, por uma vala alargada para este efeito, até ao cais de Santo Antão (por vezes chamado Santo António) do Tojal. Dali seguiam por Fanhões e Montachique, subindo e descendo montes e vales, até chegarem ao destino. Para além dos referidos materiais, passavam por lá também os sinos e as estátuas de vários santos que haviam de compor o Convento.



Fanhões, Rua Luís dos Santos Júnior, trabalho de Luciano Barbosa



*José Saramago, Memorial do Convento*

Muito melhor veríamos (...) os fumos diurnos e nocturnos dos fornos de tijolo e cal que entre Mafra e Cascais são centenas, os barcos que outros tijolos trazem do Algarve e de Entre-Douro-e-Minho e os vão descarregar, Tejo adentro, por um canal aberto a braço, ao cais de Santo António do Tojal, os carros que por Monte Achique e Pinheiro de Loures trazem estas e outras matérias ao convento de sua majestade, e aqueles outros que carregam as pedras de Pêro Pinheiro, não há melhor miradouro que este onde estamos, não faríamos ideia da grandeza da obra se o padre Bartolomeu Lourenço não tivesse inventado a passarola (...).

[pp. 239-240]

Já passámos Pintéus, vamos no caminho de Fanhões, dezoito estátuas em dezoito carros, juntas de bois à proporção, homens às cordas na conta do já sabido (...). Em Fanhões parou o cortejo porque os moradores quiseram saber, nome por nome, quem eram os santos que ali iam, pois não é todos os dias que se recebem, ainda que de passagem, visitantes de tal grandeza corporal e espiritual, uma coisa é o quotidiano trânsito dos materiais de construção, outra, poucas semanas há, o intermimo cortejo dos sinos, mais de cem, que hão-de rebimbar nas torres de Mafra a imperecível memória destes acontecimentos, outra ainda este panteão sagrado. (...).

[p. 321]